



CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. **Ngoma Yethu:**  
o curandeiro e o Novo Testamento. Belo Horizonte:  
Nandyala, 2018.  
ISBN: 978-85-8358-043-0

Paulo Sergio de Proença\*

A interpretação da Bíblia normalmente está circunscrita a instâncias autorizadas de instituições religiosas e de centros acadêmicos que reforçam a tradição no campo da Teologia e das Ciências da Religião, salvo exceções relativas a leituras populares da Bíblia. Os intérpretes ainda são homens, brancos, cristãos. É preciso renovar o campo, pela concessão de voz aos oprimidos. Não basta falar por eles.

Há ainda insuficientes títulos voltados à discussão de temas relacionados à África, à escravidão, à diáspora africana, ao racismo, no que concerne à convergência entre religião, fé e teologia. No Brasil, sobre isso uma história enviesada foi escrita, com sangue negro e pena inexata de mão branca: o protagonismo histórico negro, quando não negado ou ignorado, foi distorcido; a desumana violência foi mitigada com cores de tom claro.

A África vive o desafio da reconstrução depois da independência conquistada pelas nações colonizadas pelos portugueses. A Bíblia, a Teologia e a fé têm muito a dizer sobre isso, principalmente porque esses elementos são decisivos e modelares. Este é o desafio: como restaurar a dignidade cultural e étnica de nações

---

Resenha recebida em 26 de novembro de 2019 e aprovada em 13 de dezembro de 2019.

\* Doutor em Linguística. Professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). País de origem: Brasil. E-mail: pproenca@unilab.edu.br

perversamente violentadas pelas potências coloniais? A Bíblia é a grande inspiração para isso, em releitura da tradição cristã ocidental a partir da moldura do colonialismo que, por assim dizer, se constitui em nó teológico que merece e merecerá novas explicações.

Ações missionárias e políticas ocorreram em conformidade com princípios estruturadores eurocêntricos que, vendo-se como superior, a partir da glória da antiguidade clássica idealizada, lançam para o balde da inferioridade o que não é ocidental

O Ocidente desenraizou o povo africano de suas crenças religiosas justificando biblicamente a escravidão e a conseqüente inferioridade associada à pele negra, em aberração hermenêutico-exegética; o resultado foi tentar eliminar a diferença, com a caracterização do Outro-africano como inferior-pagão.

O padre Antonio Vieira se destacou nesse processo. A escravidão é vista por ele como resultado da vontade divina, sendo que o próprio Jesus oferece modelo de sofrimento. Vieira, apoiado em trechos bíblicos, é o grande arquiteto teológico-doutrinário da escravidão moderna dos negros. Assim o avalia o historiador Vainfas (2011:61): “Vieira foi grande defensor da escravidão africana no Brasil, até o fim da vida. O maior de todos”.

Interpretação bíblica afrocentrada é indispensável para rejeitar o eurocentrismo, a história única, o universalismo branco, a ideologia de pretensa superioridade. É preciso propor alternativas.

Aqui entra em cena a obra de Paulina Chiziane e de Mariana Martins: *Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento*, obra que se configura eloquente denúncia contra a discriminação direcionada à religiosidade africana, que não é antibíblica, nem culturalmente inferior, pois a África não está e nunca esteve em trevas.

A obra não é ficcional; trata-se de um livro feito de notas para um debate, “numa reflexão apaixonante sobre a relação entre o curandeiro e o Novo Testamento”, conforme diz Chiziane na apresentação. E, logo na advertência, apontam que o objetivo do livro é “promover um debate entre o Cristianismo trazido pelo colonialismo e a cultura africana; interessa-nos ampliar o nosso conhecimento sobre a visão do mundo de um curandeiro e como as tradições Bantu interpretam a Sagrada Escritura”.

*Ngoma Yethu* se estrutura em cinco capítulos: o primeiro se ocupa de considerações mais gerais, com certa profundidade teológica, apreciável em quem não é do ramo; a África, tendo sido o berço da humanidade e tendo exercido importante papel na história bíblica, por efeito de pressupostos colonialistas preconceituosos teve sua cultura avaliada como inferior, a ponto de seus curandeiros serem considerados diabólicos. Isso contrasta com uma das principais características do próprio Jesus: afinal, não ele mesmo um curandeiro?

O capítulo segundo apresenta Mariana, a curandeira: a trajetória pessoal e familiar, os desafios da formação, a reclusão na escola de curandeiros, os dramas existenciais e a incompreensão a que se entregam os que corajosamente se aventuram nessa senda; é apresentado vívido relato de experiências que a conduziram ao ofício, depois de ter sido praticante católica. Nos percalços que marcaram sua trajetória, os apelos da cultura africana e a voz dos antepassados a convocaram – e ela não pôde resistir. No livro, interpreta os mais significativos textos do Novo Testamento, de dentro, da África, da mulher. É uma voz feminina que, a partir da milenar sabedoria africana, analisa os trechos mais intensos e desafiadores da Bíblia cristã.

A aproximação e o contraste entre a vida e a prática curandeira e os ensinamentos do Novo Testamento estão descritos no capítulo terceiro. Textos dos evangelhos e das epístolas são tratados de forma direta e simples. O capítulo tem uma disposição diferente; a cada trecho transcrito segue breve comentário, em tipo normal, escrito por Chiziane; segue, em itálico, o comentário de Mariana, normalmente mais

extenso, não só porque se ocupa diretamente dos objetivos do livro, mas também porque resulta de solidária concessão de voz. Estes são alguns tópicos comentados, dentre outros: os dez mandamentos, a loucura e a sabedoria da cruz, a ressurreição, o templo de Deus, a família, a ganância e o pecado, o hino ao amor, o reino dos céus, parábolas, libertação espiritual; não poderiam faltar considerações sobre a condição curandeira de Jesus. Há outros itens aqui não listados, igualmente importantes.

À moda do *Apocalipse* bíblico, o último capítulo se compõe de “Cartas às sete igrejas”: Europa; América; Austrália; Ásia; África e Moçambique; igrejas da família e do indivíduo. Essas cartas não veiculam ressentimento, embora tenham sido escritas com a tinta da consciência crítica sobre a história do cristianismo em África; como exigem os princípios cristãos, elas apontam para convergências, perdão e solidariedade, além de elementos parenéticos próprios do gênero, principalmente na última carta.

Primeira mulher moçambicana a publicar um romance, Chiziane tem títulos que a vinculam à luta de seu povo e de todos os oprimidos, como *Balada de Amor ao Vento*, *Ventos do Apocalipse*, *O Sétimo Juramento*, *Niketche*, *O Alegre Canto da Perdiz*, *As andorinhas*; *Quero ser alguém: histórias de crianças soropositivas*, *Na mão de Deus*, *Por quem vibram os tambores do além*; *O canto dos escravizados*.

A produção ficcional dessa consagrada escritora, em prosa e verso, se configura veemente denúncia contra os crimes da colonização, a partir de um ponto de vista feminino. Nascida em 1955, publica contos na imprensa moçambicana em 1984, sua estreia literária; trabalhou na Cruz Vermelha; em sua juventude, foi militante da Frente de Libertação de Moçambique. A Literatura, contudo, seria a sua trincheira permanente, na luta contra o colonialismo e na defesa da mulher. Para ela, “o enfoque do feminino [...] tem como intenção incentivar o leitor (a leitora) a empreender reflexões sobre gênero, etnia, cidadania e identidade como forma de conhecer também os aspectos sociológicos, antropológicos e historiográficos da sociedade moçambicana” (CESÁRIO, 2013, p. 62).

Dado característico de suas obras é a centralidade da tradição oral, cujo viço é a tônica e a sedução de sua ficção, em acréscimo ao sabor local das marcas da cultura de seu povo e de seu país e do povo africano.

Essas marcas se fazem sentir em *Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento*. O livro dá voz a quem não a tem: mulher curandeira, traços que carregam estigmas insuperáveis para a cultura ocidental cristã. Trata-se de reparação literária, histórica e cultural, própria de escrita consciente de seu papel e da força que a palavra tem – sobretudo a literária. Assim, positivamente marcada pela importância da voz autóctone, a obra se alia à superação da violência simbólica e se alinha contra manifestações religiosas e culturais que vitimizam africanas e africanos, incluídos brasileiras e brasileiros afrodescendentes.

O livro é também apelo ao respeito à diferença, o que é oportuno para nós: no Brasil há violência contra as religiões de matriz africana, inclusive de forma ostensiva, reforçada pelo racismo institucional.

Chiziane e Martins nos ensinam que o cristianismo genuíno não é incompatível com as culturas africanas; ele também é parte da herança que os africanos legaram à humanidade. James Cone (1985), teólogo norte-americano pioneiro da Teologia Negra, acrescenta que, se percebermos que Deus enviou seu único filho ao mundo, e ele era negro, deveríamos reconsiderar a convicção de que o negro (e tudo o que a ele se refere) é mau, não passando isso de uma construção ideológica branca.

Chiziane e Martins reforçam que é preciso descolonizar nossas mentes para descolonizar a Bíblia e sua interpretação. Com isso, serão superados dilemas permanentes de nossa história, que só produzem violência e preconceitos. Talvez os africanos, nos ensinem mais sobre Deus do que movimentos instintuais de um cristianismo racista.

Dentre tantas virtudes de *Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento*, destaca-se a corajosa amplificação da voz africana, sensível e sábia intérprete dos ensinamentos neotestamentários. Ouçamos a curandeira.

## REFERÊNCIAS

CESÁRIO, Irineia L. ***Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane, e Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo***: laços africanos em vivências femininas. São Paulo, 2013. 180f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CONE, James H. **O Deus dos oprimidos**. São Paulo: Paulinas, 1985.

VAINFAS, Ronaldo. **Antonio Vieira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.